

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSINEIDE PEREIRA PÊGO GOMES

RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR



LAPA
2016

ROSINEIDE PEREIRA PÊGO GOMES

RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof. Dra. Cintia de Souza
Batista Tortato

LAPA
2016



RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Rosineide Pereira Pêgo Gomes¹; Cintia de Souza Batista Tortato²

¹Especialista em Neuropsicologia e Educação – ITECNE; Psicopedagogia – FACINTER. Pedagoga e Professora SEED/PR – SMED/Pinhais. E-mail: rosipego@yahoo.com.br

² Dra. em Tecnologia - UTFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações de Gênero e Tecnologia- UTFPR. E-mail: cintiatortato@hotmail.com

Resumo: O tema deste artigo é a problematização das relações de gênero na escola. Para elucidação das questões pertinentes ao tema foi necessária uma investigação teórica embasada em autores que abordam temas conceituais referentes a gênero e sexualidade, como os estudos de Guacira Lopes Louro. Juntamente a esta discussão foram abordados outros aportes teóricos que enfocam as questões de gênero e educação como: Daniela Auad, Montserrat Moreno e Cláudia Ribeiro. A contextualização teórica em torno das desigualdades e preconceitos de gênero vigentes propiciou uma proposta de intervenção pedagógica visando o corpo docente, que englobou momentos de formação em forma de oficinas. O intuito foi suscitar uma reflexão em torno das visões e atitudes dos/das docentes de um colégio estadual do município de Piraquara quanto a questões de gênero, buscando potencializar o papel de professores/as como mediadores/as de conflitos, de modo a combater preconceitos e discriminações presentes no ambiente escolar a partir de um discurso e de uma prática emancipadora e democrática no que refere ao gênero.

Palavras-chave: discriminação; escola; estereótipos; preconceitos; relações de gênero.

Abstract: The subject of this article is the analysis of gender relations within the school context. A theoretical investigation was required for elucidation of all aspects relevant to the topic. It was mainly based on authors who have addressed concepts related to gender and sexuality such as Guacira Lopes Louro. Additionally, we enriched the discussion with other theorists focused on gender and education issues for instance Daniela Auad, Montserrat Moreno and Claudia Ribeiro. Contextualizing the existing inequalities and gender bias enabled a proposal for an educational intervention for faculty members. It consisted of workshops for critical reflection about their views and attitudes regards to gender issues, with the goal to enhance the teachers role as conflict mediators. In this manner, fight against prejudice and discrimination around gender issues within the school context, based on emancipatory and democratic speech and practice.

Keywords: discrimination; gender relations; prejudice; school; stereotypes.



INTRODUÇÃO

Trabalhando como pedagoga no Ensino Médio em um Colégio estadual no município de Piraquara, é possível testemunhar e nem sempre mediar de forma eficaz situações de conflitos entre os/as estudantes que se referem a posturas identitárias e de gênero. São ocorrências nas quais os professores/as costumam se mostrar despreparados/as para lidar com o que acontece. No que se refere ao comportamento adolescente e por vezes sexista, dos alunos e alunas, preocupou-me discutir as possibilidades de um trabalho pedagógico onde a atitude do corpo docente pudesse tornar-se um caminho de mediação destes conflitos, orientada por um pensamento emancipador e democrático no que refere a gênero.

Com alunos/as pertencentes a diferentes grupos sociais e culturais, é comum que os professores/as presenciem discussões entre as/os jovens, por atitudes discriminatórias, preconceituosas em relação à idade, origem, gênero e classe social. Essas atitudes ocorrem em função dos diversos referenciais que estes jovens portam ou possuem, pautando em seu modo de agir ou sua conduta.

As experiências e as vivências dos alunos/as fora da escola preparam seus valores, construídos em suas relações com seus familiares, seus amigos/as, com o grupo religioso do qual fazem parte, enfim, são construídos a partir de suas histórias pessoais. Os meios de comunicação de massa, aos quais são expostos, nos espaços públicos e privados também lhes conferem um grande poder de influência. Preconceitos e símbolos estereotipados estão presentes em inúmeras circunstâncias no cotidiano desses/as jovens, seja na televisão, publicidade, jornais, internet, livros didáticos, e outros meios de comunicação.

Nesse contexto social, estes educandos/as interagem e assimilam normas e regras de condutas que podem estar ligadas a formas de relações de poder e dominação ou desrespeito à diversidade. Não aceitar o modo de ser do outro, por não ser igual ao seu, é demonstrar uma atitude etnocêntrica¹, julgando que o outro é inferior, menospreza-os por ser diferente. Se o estereótipo e o preconceito estão no

¹ O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade. HEILBORN, Maria Luiza; ROHDEN, Fabíola. (org.). *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Livro de conteúdos. Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília: SPM, 2009, p. 23.



campo dos valores, das ideias e dos pensamentos, nas ideias, a discriminação está no campo da ação, ela se concretiza em uma atitude. Principalmente quando o assunto é preconceito de gênero. Afinal, no senso comum, as diferenças de gênero são interpretadas como se fossem naturais determinadas pelo corpo.

A relação direta entre as desigualdades sociais e a biologia, explicando as diferenças como uma contingência da natureza, ainda é frequente nas falas e atitudes das pessoas. Nos dias de hoje, ainda são comuns matérias de jornais ou revistas, enfocando as diferenças biológicas entre homens e mulheres, tamanho ou peso do cérebro, número de neurônios, capacidade intelectual para números ou habilidade natural para determinadas aprendizagens, como tentativas de “provar cientificamente o porquê das desigualdades entre masculino e o feminino”. (CARVALHO; TORTATO, 2009, p. 23).

Entre as referências utilizadas para elaboração desse artigo está a obra *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*, Daniela Auad (2012) que discute o quanto nossas escolas não potencializam o desenvolvimento físico, cognitivo, social, estético e afetivo dos educandos e educandas de forma universal e igualitária. Ela demonstra o quanto meninas e meninos são levados a se perceberem e se constituírem como desiguais.

Montserrat Moreno, em sua obra: **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola** (2003) nos mostra que, no que diz respeito às relações de gênero, a escola tem se mostrado como um aparelho reprodutor de vícios e virtudes, de sabedorias e mediocridades. Sua missão deveria ser muito diferente. Não simplesmente ensinar o que os outros pensaram, mas ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo.

O artigo de Guacira Lopes Louro: *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas* remete a gênero e sexualidade, como foram e são construídos. Outra obra é o artigo intitulado *Pedagogias da sexualidade*, da mesma autora que aborda o tema cultura e sexualidade.

Foi utilizada uma série que contém uma coletânea de fascículos intitulada *Adolescentes e jovens para a educação entre pares* (2011) do Ministério da Saúde, enfocando as questões de gênero, diversidades sexuais, raças e etnias, adolescências, juventudes e participação e metodologias.

A obra *Diversidade e Educação* (2014) de Jamil Cabral Sierra e Marcos Claudio Signorelli (organizadores) traz um conjunto de textos sobre gênero e



diversidade, corpo e diversidade sexual e por fim corpo e diferença enfocando o combate às formas de opressão e violência de gênero, classe e raça.

As autoras Maria Luiza Heilborn e Fabíola Rohden no livro *Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais* (2009) apresentam um debate transversal sobre as temáticas de gênero, sexualidade e orientação sexual e relações étnico-raciais.

Construindo a Igualdade na Diversidade (2009) de Nanci S. da Luz, Marília G. de Carvalho e Lindamir S. Casagrande (organizadoras) reúne textos de grande importância para a formação continuada dos professores/as. Apresentando como o gênero e as sexualidades se manifestam no ambiente escolar. O livro propõe abordagens que buscam a desconstrução de padrões estereotipados.

Os aportes teóricos das produções literárias que enfocam as questões de gênero e educação demonstram como surgem essas relações, como são disseminadas e mantidas em sociedade.

O artigo que se apresenta tem o seguinte problema de pesquisa: Como desestabilizar as formas de dominação sexista na escola, através da instrumentalização do trabalho educativo do docente, que interage com seus alunos sobre as formas do masculino e do feminino representadas no cotidiano escolar?

OBJETIVOS

Nesta pesquisa o principal objetivo foi ampliar o debate sobre a diversidade de gênero entre os/as professores/as buscando diminuir práticas discriminatórias e excludentes vigentes no contexto escolar. Apresentando os seguintes objetivos específicos: sensibilizar quanto à importância dessa temática para uma formação mais humana e cidadã; auxiliar na superação de preconceitos e estereótipos de gênero existentes no ambiente escolar; capacitar os docentes em sua prática pedagógica através das oficinas; identificar através da prática pedagógica dos docentes o trabalho com gênero no ambiente escolar.



METODOLOGIA

Quanto à abordagem do problema, a pesquisa utilizada é a qualitativa, através de questionários com questões abertas e objetivas. Este método difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias (RICHARDSON, 1999).

Foi aplicado junto a treze docentes do Ensino Médio, sendo cinco homens e oito mulheres das seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Arte, Educação Física, Biologia, Inglês, Espanhol, Física, Química, Filosofia e Sociologia. A média de idade do grupo analisado é de aproximadamente 38 anos e o tempo de trabalho na educação varia de cinco a doze anos.

Os questionários foram entregues para os docentes antecipadamente a data marcada para serem recolhidos, mas somente nove foram respondidos. Ele foi um questionário investigativo, verificando quais conceitos os/as docentes possuíam em relação ao tema diversidade de gênero. Junto ao questionário houve recortes de situações relacionadas às desigualdades de gênero (reais e fictícias), das quais o público da pesquisa se pronunciou respondendo perguntas abertas e objetivas.

Geralmente os questionários cumprem duas funções, ou seja, descrevem características e medem determinadas variáveis de um grupo. Quanto ao tipo de pergunta, os questionários podem ser classificados em questionários de perguntas fechadas, de perguntas abertas e que combinam ambos os tipos de perguntas. (RICHARDSON, 1999, p. 302).

Para organizar a investigação a ser desenvolvida propôs orientar os/as professores/as para atuar frente a situações de preconceito, discriminação e violência, fundamentadas na diversidade de gênero. Além de estimular os/as professores/as a inserir problematizações e projetos que enfocassem a discussão de gênero no cotidiano escolar. E, também contribuir para a compreensão dos/as docentes do Colégio quanto às desigualdades de gênero vigentes no ambiente.

O procedimento investigativo tenta responder algumas perguntas tais como: Como desestabilizar as formas de dominação sexista na escola básica através da instrumentalização do trabalho educativo do professor/a que interage com seus alunos/as sobre as formas do masculino e do feminino representadas no cotidiano escolar? Como trabalhar os conceitos de gênero na sala de aula, com o propósito de valorizar as múltiplas identidades constituintes no ambiente escolar? Todo



professor/a na atualidade perguntar-se pela maneira como se ensina? Analisa se sua ação não está reforçando ou desestabilizando formas de dominação envolvendo as relações de gênero?

Para responder a estas perguntas, a pesquisa estruturou-se em quatro oficinas, que ocorreram em momentos de estudos pedagógicos previstos em calendário da escola, como reuniões de replanejamento, reunião pedagógica, formação pedagógica e formação continuada dos professores e professoras, segundo o horário estabelecido pelo Colégio.

Momentos de estudos e discussões com os professores/as na hora atividade utilizando leitura de textos, artigos científicos, recortes de jornais e revistas, imagens diversas tendo como tema desigualdades, preconceitos e estereótipos relacionados ao tema desigualdades de gênero.

Análise dos livros didáticos utilizados por eles em suas aulas, problematizando as questões de gênero. Preenchimentos de fichas para direcionar a análise. A partir dos resultados obtidos, foram debatidas questões como: invisibilidade das mulheres, inserção delas nas narrativas, paridade de imagens de mulheres e homens, representações de feminilidade e masculinidade, entre outras.

Exibição do curta-metragem “Hoje eu não quero voltar sozinho” (2010), do cineasta Daniel Ribeiro. Após a exibição do curta-metragem foi promovido um debate informal entre os professores/as. Foi solicitado ainda, um levantamento de outros filmes, noticiários que tenham assistido e que tratem do mesmo assunto para elencar os elementos que chamaram a atenção deles e sugerido outros filmes. Discussões em forma de seminário da temática trabalhada onde todos/as os/as participantes expressaram suas opiniões sobre o assunto abordado.

Após todo esse processo de estudo, os professores/as responderam novamente o questionário investigativo sobre os conceitos que possuem sobre a temática diversidade de gênero, desta vez em forma de uma discussão final, verificando assim, se houve ou não uma mudança significativa no modo de perceberem como ocorrem as relações de gênero na escola.

Além do método qualitativo, é necessária a pesquisa exploratória, uma vez que assumirá a forma de levantamento bibliográfico, incluindo, como procedimento técnico, a utilização de material já publicado. Leituras analíticas e interpretativas geraram deduções ou inferências, para a obtenção de resultados.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados dos questionários preenchidos pelos/as docentes, no que diz respeito às relações de gênero, no entanto, as escolas pouco tem cumprido essa função. Ela reproduz padrões de comportamento distintos para meninos e meninas, criando expectativas díspares para os e as jovens dos diferentes sexos. O preconceito de gênero, que afetam nossos alunos e alunas, nas salas de aulas e nos espaços escolares, tem por base um sistema educacional que reproduz relações de poder, privilegiando um sexo sobre o outro, aparecendo em nossos livros didáticos e nas relações escolares.

Com relação ao papel da escola Louro (2004) afirma que ela é formadora de diferenças e desigualdades. Que ela não só entende dessas desigualdades, mas que as produz.

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinha acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela civilização ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para ricos e para pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2004, p. 57).

Mais do que despertar o senso crítico das alunas e alunos quanto às desigualdades existentes entre mulheres e homens, a escola tem conformado educandas e educandos a determinados padrões de conduta e relações de poder. Aprende-se nesta instituição, que mulheres e homens são desiguais, tendo, dessa forma, potenciais e funções diferenciadas. Tal discurso contribui para que os ofícios, espaços, relações e subjetividades se constituam de forma assimétrica, tendo como fundamento, o gênero. Doutrina meninos e meninas a terem comportamentos adequados a cada gênero. A escola também reforça comportamentos que circulam em nossa sociedade e os reproduzem ao conformar meninas e meninos a agirem segundo suas representações do que seja masculino e feminino. Socializa, ordena comportamentos e unifica linguagens, auxiliando os indivíduos em seu processo de assimilação das normas sociais aceitas como padrões culturais.



[...] podemos pensar então que as práticas escolares, como todas as outras, participam desse processo e, portanto, também imprimem no corpo de crianças e jovens disposições, atitudes, hábitos, comportamentos, que, num determinado momento e espaço social, são considerados como adequados à formação de meninos ou meninas (LOURO, 1995, p. 89).

A leitura desta autora, entre outras, força-nos a pensar que a escola ensina maneiras distintas de meninos e meninas se comportarem em sociedade, de se movimentarem e pensarem. Mas eles/elas podem não ser somente passivos receptores de imposições externas. Podem agir e reagir de maneira distinta a essas aprendizagens, aceitando ou recusando-as. “Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente” (LOURO, 2004, p. 61).

Entretanto, a grande maioria se conforma às convenções sociais pautadas no gênero. Os discursos sexistas disseminados no espaço escolar contribuem largamente para que as alunas limitem suas escolhas profissionais aos trabalhos idealizados como femininos (enfermagem, magistério), e os alunos aos trabalhos vistos como masculinos (engenharia); também para que as mulheres se sintam impelidas a assumirem as responsabilidades de gestão do espaço doméstico e da educação dos/as filhos/as. Sobre as pedagogias de gênero vigentes na escola, Moreno (2003), argumenta que a imagem passada interfere diretamente na formação social dos sujeitos.

A imagem da mulher e do homem que se passa aos alunos e alunas por meio dos conteúdos do ensino contribui intensamente para formar seu eu social, seus padrões diferenciais de comportamento, modelo com o qual devem identificar-se para ser “mais mulher” ou “mais homem” e, informá-los, por sua vez, da diferente valorização que nossa sociedade atribui aos indivíduos de cada sexo (MORENO, 2003, p. 36).

Quando analisado nos conteúdos e no sexismo da linguagem, contribuem de forma bastante sutil, mas eficiente, para que meninas e meninos sejam educados e se constituam como indivíduos desiguais, para que reproduzam determinadas relações de dominação e exploração. “O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como centro do universo” (MORENO, 2003, p. 23). E se a mulher aceita ser considerada um sexo inferior pela sociedade existente, é porque ela compartilha desse pensamento, ajudando a difundi-lo, mesmo que seja de maneira inconsciente.



Utilizando a obra “Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola”, Daniela Auad (2012) chama atenção para o fato de que nossas escolas não potencializam o desenvolvimento físico, cognitivo, social, estético e afetivo dos educandos e educandas de forma universal e igualitária. A autora demonstra o quanto meninas e meninos são levados a se perceberem e se constituírem como desiguais. Os meninos, socializados para se pensarem como mais aptos para alguns esportes e áreas do conhecimento, como futebol e exatas, e inadequados para determinadas funções, como o cuidado com outro. No geral, eles são levados a se constituírem como fortes, corajosos. As meninas, socializadas para se pensarem como frágeis, sensíveis e dependentes. Como as mais aptas para a comunicação, mas pouco capazes de comandar, liderar.

Ainda se ressalta com esta estudiosa do gênero, que as relações de gênero, de modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades e que “visões naturalistas sobre mulheres, meninas, homens e meninos representam travas para a superação dessa situação” (AUAD, 2012, p.19). Muitas características masculinas e femininas foram construídas socialmente durante séculos, repetidas de tal maneira que se tornou natural, como se elas sempre tivessem existido.

Para ilustrar esse processo de formação desigual, pode-se considerar como exemplo, o trabalho com os contos de fada, incansavelmente explorados nas séries iniciais. Nestas narrativas, as representações são sempre de mulheres dependentes, que não sobrevivem sem o auxílio e intervenção dos homens. Ao não serem contextualizados por professores e professoras, e nesse sentido tomados como discursos atemporais, contribuem para que alunas/os pensem que a dependência das mulheres em relação aos homens está na natureza das coisas.

De maneira característica, a literatura infantil definiu-se historicamente pela formulação e transmissão de visões de mundo, assim como modelo de gostos, ações, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor. [...] (GOUVÊA, 2005, p. 81 *apud* TORTATO, 2009, p. 76).

Por fim, afirma-se que “se as relações de gênero não existissem do modo como às conhecemos, o que percebemos como sexo não seria valorizado como importante” (AUAD, 2012, p. 20). Ou seja, a genitália - vagina ou pênis - somente seria uma diferença física entre duas pessoas, assim como a cor dos cabelos. Essa



diferença anatômica só tem significação pelo modo como as relações de gênero são percebidas em nossa sociedade.

Enfim, ter a possibilidade de agir sobre o mundo a nossa volta e sobre nós mesmos. Premissa fundamental para o exercício da cidadania e para o desenvolvimento da individualidade. Diante deste contexto surgiu a oportunidade de iniciar esta investigação teórica conceitual, buscando entender como as questões de gênero que atravessam as relações interpessoais e culturais vêm contribuindo para o aumento do preconceito no espaço da escola.

No que se refere ao comportamento adolescente e seus preconceitos, aproveitou-se a oportunidade para discutir as possibilidades de um trabalho pedagógico onde a atitude do corpo docente fosse atingida, de modo a tornar-se um caminho de mediação destes conflitos quando orientada por um pensamento emancipador e democrático no que refere ao gênero.

Assim, ao elaborar a Intervenção Pedagógica para ser aplicada na escola, intitulada “Relações de Gênero no Ambiente Escolar” se idealizou a organização de um material que servisse para interagir com os/as docentes criando momentos de reflexão, análise e discussão das relações de gênero ocorridas no ambiente escolar.

Na tentativa de promover esses debates, foi ofertado material contendo uma diversidade de textos e atividades que focalizam os estereótipos masculinos e femininos que circulam em sociedade e são reproduzidos nas escolas. Trata-se da violência que se inscreve e naturaliza em relações de poder de gênero, temas conceituais referentes a gênero e o papel da educação na manutenção da heteronormatividade.

Para elucidação das questões pertinentes ao tema escolhido, fez-se necessária uma investigação teórica embasada em autores que abordam temas conceituais referentes a gênero e sexualidade. Foi utilizado o livro “Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais que contém uma coletânea de textos enfocando as questões de gênero. Juntamente a esta discussão foram utilizados outros aportes teóricos com produções literárias que enfocam as questões de gênero e educação como: Guacira Lopes Louro, Daniela Auad, Montserrat Moreno e Cláudia Ribeiro, que demonstram como surgem essas relações, como são disseminadas e mantidas em sociedade. Destacam-se as pesquisas da historiadora



Guacira Lopes Louro, a qual enfoca, de forma singular, as questões centrais das práticas educativas envolvendo a produção das diferenças e desigualdades de gênero embasadas nas teorias pós-estruturalistas.

Para realizar a intervenção pedagógica e discutir as relações de gênero com os professores/as que atuam na escola, a metodologia utilizada foi em formato de oficinas, distribuídas em horários de hora atividade e momentos de capacitação do corpo docente. As oficinas foram pautadas em estudos de textos com entrevistas, propagandas, análise de dados coletados em jornais e revistas, discussões teóricas, dinâmicas interativas, exibição de filmes e vídeos para subsidiar as reflexões críticas relacionadas ao tema. Procurou-se organizar as atividades de modo que o/a professor/a pudesse adaptá-las e utilizá-las com os/as alunos/as em sala de aula nas diversas disciplinas.

A primeira oficina foi apresentada aos professores/as do colégio estadual na Formação em Ação, momentos de formação continuada que ocorrem durante todo o ano letivo. Essa oficina abordou os estereótipos de gênero e, através de uma dinâmica sobre identidade de gênero, recortes de propagandas e charges contendo estereótipos presentes na representação do feminino e do masculino, procurou promover a sensibilização dos professores/as em relação ao tema estudado.

Nesta atividade se mostrou que símbolos estereotipados estão presentes em inúmeras circunstâncias no cotidiano de homens e mulheres. Segundo Jimena Furlani (2008), a propaganda, assim como o livro didático são artefatos culturais que traduzem o modo de vida aceito socialmente, sendo representações hegemônicas que regulam e controlam a vida humana em sociedade. Essa oficina procurou levar os/as professores/as a perceberem a relação entre a trajetória de vida e a construção social da identidade de gênero de homens e mulheres, bem como as desigualdades resultantes dessa construção social baseada em preconceitos de gênero e estereótipos difundidos no ambiente escolar. Nesta oficina os professores estavam receosos ao tema e alguns não fizeram as atividades.

A segunda oficina traçou um panorama sobre a violência de gênero, acerca da construção de representações machistas, presentes ainda na sociedade, que leva a mulher a ser espancada e sofrer todo o tipo de violência e opressão. Para esta reflexão foi apresentado aos professores e professoras manchetes de jornais, com reportagens contendo informações e gráficos sobre a violência utilizada contra



a mulher. Através desses dados, alguns questionamentos foram levantados em relação aos valores implícitos nessas condutas. Estas demonstram que a violência como fenômeno social é atravessada por relações de gênero, refletindo o preconceito e a desigualdade entre mulheres e homens. Para a compreensão das questões que envolvem as relações de gênero e que geram o domínio do poder masculino sobre a mulher, manifestado pela expressão da violência física, sexual e psicológica, se fez necessário apontar para uma abordagem histórica sobre a trajetória das lutas dos movimentos feministas, conhecer as legislações que tratam dos direitos da mulher e os encaminhamentos dados em casos de violência. “Se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; [...] encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades” (LOURO, 2004, p. 85). Esta oficina despertou a atenção e também os docentes interagiram mais no debate de ideias.

A terceira oficina nos fez refletir sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho. Questionou como a desigualdade salarial e a posição hierárquica dos cargos que a mulher ocupa estão diretamente atreladas a questões de gênero e como podemos contribuir enquanto educadores/as, para o acesso de contingentes cada vez maiores de mulheres às ocupações e aos empregos mais qualificados. É através de discursos e representações estereotipadas que as identidades dos sujeitos se transformam constantemente.

Estamos em pleno século XXI vivendo as mudanças culturais e sociais herdadas do final do século XX, passando por várias transformações nesta sociedade. As mulheres saíram do espaço privado para batalharem por sua independência financeira e social, entrando no mercado de trabalho que antes era um espaço dominado pelos homens. Essa participação aumentou também na política, pois hoje possuímos uma mulher no cargo de Presidente do Brasil.

Mas, apesar de tantas conquistas, ela ainda hoje enfrenta a desigualdade de acesso ao trabalho, ascensão profissional e salarial. Há uma disparidade de tratamento dado às mulheres, comparado à mesma função exercida por homens. A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), em 2007 lançou seu Caderno 4 sobre “Gênero e Diversidade Sexual na Escola: Reconhecer diferenças e superar preconceitos”, afirmando:



A posição social inferior da mulher na sociedade mantém fortes nexos com a divisão sexual do trabalho. Essa divisão resulta de uma correlação de forças antagônicas entre homens e mulheres e dos valores diferentemente atribuídos ao trabalho feminino e masculino. A desvalorização do trabalho feminino se dá por sua associação ao espaço doméstico e da reprodução, e não à produção e à consequente geração de valor.²

Mesmo que a mulher atue em uma grande parcela do mercado de trabalho, ainda impera uma classificação sexista na ocupação dos cargos. Atualmente é possível observar a inserção das mulheres em novos grupos ocupacionais, porém ainda se percebe que há um longo caminho a ser percorrido em direção à igualdade com os homens e equiparação da ocupação de outros espaços no mercado de trabalho. Então a necessidade de se desconstruir conceitos e valores que levam a essa divisão sexual do trabalho, questionando práticas sociais onde impera hierarquia de gênero, levando a uma desigualdade salarial ou de posições de prestígios.

Retornamos os questionamentos sobre o mercado de trabalho e o campo profissional que cria espaço para o feminino. Apesar de um histórico de lutas para alcançar a emancipação feminina e conquistar uma fatia no mercado de trabalho, deixando o espaço privado para competir com o sexo masculino no espaço público, exercendo cargos que, comumente, exigem dedicação e tempo, a mulher do século XXI continua a ser responsável pela organização da rotina doméstica. Isso obriga a que ela venha a exercer dupla ou tripla jornada de trabalho diariamente, pois precisa assumir responsabilidades dentro e fora de casa, cuidando dos filhos, da casa, do casamento e da carreira.

A divisão sexual de trabalho é uma das formas da divisão social do trabalho. Trata-se da separação entre atividades desenvolvidas pelas mulheres e atividades desenvolvidas pelos homens. Tal divisão associa, numa perspectiva macro, o trabalho das mulheres à esfera da reprodução – espaço familiar no qual as atividades se voltam para a produção e manutenção da vida, buscando suprir as necessidades de sobrevivência familiar – e o trabalho dos homens no âmbito produtivo – espaço público no qual se produz bens e serviços para a sociedade. (LUZ, 2009, p. 152).

Esse tipo de comportamento é tido como natural pela sociedade, uma vez que a mulher sempre cuidou do espaço privado e o homem não tem aptidão para exercer esta função.

² CADERNOS SECAD, nº 4. *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Brasília, MEC/SECAD, 2007, p. 17.



Na quarta oficina foi exibido aos docentes o curta-metragem “Hoje eu não quero voltar sozinho”, (2010) do cineasta Daniel Ribeiro. O filme conta a história de Léo, um menino de 15 anos, cego, que se apaixona por um colega de classe. Por sua qualidade estética e seu cuidado ao lidar com dois temas ainda tabus - homossexualidade na adolescência e deficiência visual -, o curta foi incluído no programa Cine Educação, em parceria com a Mostra Latino-Americana de Cinema e Direitos Humanos. O programa leva curtas que englobam os direitos humanos, para que docentes das redes de ensino do Brasil escolham os mais adequados - e estes serão exibidos e debatidos com os alunos/as.

Alguns professores/as apresentaram uma reação negativa ao filme. Duas professoras que já possuem formação sobre estudos de gênero responderam positivamente e trabalharam com o curta-metragem com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Durante a exibição do filme, foi possível observar alguns comentários contrários à ideia de fazer essa abordagem em sala de aula.

Portanto, “os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser ou estar no mundo” (LOURO, 2004, p.28). Devemos observar o que acontece ao nosso redor, principalmente no ambiente escolar, onde as relações sociais são reproduzidas de forma sistemáticas. Nesta perspectiva ocorreram os estudos com os/as professores/professoras da escola e fazendo uma abordagem reflexiva e teórica a respeito da origem e construção histórica do conceito de gênero, a diversidade de gênero e suas implicações no ambiente escolar.

O trabalho desenvolvido apresentou bons resultados e os objetivos propostos foram atingidos, pois os/as professores/as passaram a perceber o discurso presente na mídia, que muitos deles/delas se apropriam e o utilizam na escola, refletindo superficialmente as questões da sociedade e que está permeado de argumentos biológicos e essencialistas para a manutenção do androcentrismo. Deste modo, reforçam práticas sexistas e de exclusão e às vezes, até inconscientemente, operam de modo que as mulheres sejam concebidas dentro de um sistema de relações de poder que tende a inferiorizá-las.

Um ponto de partida já foi dado, algumas alunas do primeiro ano do ensino médio começaram a participar do projeto Jovem Multiplicadoras de Cidadania – Empoderamento feminino -, desenvolvido por uma organização não governamental



de Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero em conjunto com a Secretaria de Estado da Educação e com o apoio dos professores/as da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da intervenção pedagógica intitulada “Relações de Gênero no Ambiente Escolar” no colégio em que atuo como pedagoga, possibilitou a sensibilização dos/das professores/as em discutir as temáticas de gênero de forma crítica e ativa. Oportunizou aos docentes acesso a referenciais teóricos de autores consagrados, fundamentando debates sobre a construção social do gênero, os estereótipos masculinos e femininos que circulam em sociedade e são reproduzidos na escola e a produção e reprodução de hierarquias e desigualdades baseadas nas distinções de gênero.

Desenvolver esta mudança na escola não é uma tarefa fácil, mas é necessário que se discuta o tema do gênero. Mesmo que não seja o único ambiente onde se permeiam essas relações, enquanto instituição de ensino é nela que se normatiza e se legitima de forma sistematizada, as concepções de gênero. Nós, enquanto educadores/as, precisamos romper com preconceitos e valores adquiridos ao longo de nossa existência, sair de nossa zona de conforto e ampliar os conhecimentos sobre a relação existente entre as assimetrias de gênero, para poder atuar sobre a realidade escolar de uma forma mais equânime.

Em pleno século XXI a escola não pode se omitir de oferecer mecanismos que levem ao conhecimento a respeito das diferentes culturas e o porquê da reconfiguração das leis e normas que visam abranger e incluir nas instituições contemporâneas os diferentes modos de viver, de ser e de agir das pessoas. Torna-se imperativo combater atitudes preconceituosas que comprometem o convívio escolar. Afinal a busca do conhecimento deve ajudar a vivenciar e agir sobre determinadas relações sociais de forma mais ativa e crítica, com base na compreensão dessas inter-relações.

A Educação é um dos caminhos para essa mudança. Por isso a necessidade de se desenvolver, nas escolas, políticas de inclusão abrangendo questões de gênero, uma vez que o estudo sistematizado dessa temática pode se constituir de um instrumento de combate às práticas sexistas vigentes neste ambiente. A atuação



de educadoras e educadores, nesse sentido, mostra-se fundamental. Ao repensar sobre estas questões, a escola pode efetuar mudanças significativas na prática cotidiana, contribuindo para a construção de uma educação mais justa e democrática, alcançando a equidade de gênero.

Nessa perspectiva, a aplicação da intervenção pedagógica, foi proposta ao corpo docente, buscando promover o desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo dos professores/professoras e a possibilidade de mudança e transformação em sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: Relações de Gênero na Escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 92 p.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para educação entre pares: saúde e prevenção nas escolas**. Brasília, 2011.

CADERNOS SECAD, nº 4. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília, MEC/SECAD, 2007.

CARVALHO, M.; TORTATO, C. Gênero: Considerações sobre o conceito. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009. p. 21-32.

FURLANI, Jimena. **Representações da mulher e do feminino na mídia impressa brasileira**: desconstruindo significados na Educação Sexual. Sexualidade. 1ed. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná-SEED, 2008, v. 2, p. 133-158.

HEILBORN, Maria Luiza; ROHDEN, Fabíola. (org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdos. Rio de Janeiro: CEPESC: Brasília: SPM, 2009. 265 p.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 127 p.

_____. **Produzindo sujeitos masculinos e cristãos**. In: VEIGANETO, Alfredo. (Org.). Crítica pós-estruturalista e educação. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 83-108.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2004. 179 p.



_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. 2008. **Pro-Posições**, v.19, n. 2 (56) – maio/ago. 2008. p. 17-23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2pdf>.

LUZ, Nanci Stancki da. Divisão sexual do trabalho e profissões científicas e tecnológicas no Brasil. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009. p. 151-169.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 2003. 80 p.

RIBEIRO, Cláudia. **A fala da criança sobre sexualidade humana: O dito, o explícito e o oculto**. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996 (Coleção Dimensões da sexualidade).

RIBEIRO, Daniel. **Hoje eu não quero voltar sozinho**. Curta-metragem. São Paulo: Lacuna Filmes, 2010. 17 min, color. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbIO

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio (orgs.). **Diversidade e educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia**. Matinhos: UFPR Litoral, 2014. 194 p.

TORTATO, C. Questões de gênero e diversidade sexual: as possibilidades da literatura infantil. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (orgs.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009. p. 73-89.